



A TRADIÇÃO POPULAR DO CORDEL: ENTREVISTA COM GUAIPUAN VIEIRA

Eliane Cristina Testa – poetisalia@gmail.com
Universidade Federal do Tocantins, UFT, Araguaína, Tocantins, Brasil;
<https://orcid.org/0000-0003-0863-4297>

Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha – angelitafontenele@hotmail.com
Escola Municipal Hermelinda de Castro, Teresina, Piauí, Brasil;
<https://orcid.org/0000-0002-5224-7887>

RESUMO: Este texto apresenta uma entrevista com o cordelista Guaipuan Vieira, realizada via e-mail em 03 de maio de 2020. Vieira, que é poeta cordelista, xilógrafo e radialista, nasceu em Teresina-Piauí e desde 1976 se dedica à literatura de cordel. Esse autor tem publicado centenas de folhetos de cordéis, contando ainda com várias premiações e destaques na imprensa nacional e internacional. Esta entrevista tem por objetivo destacar pontos importantes da produção cordeliana de Vieira, nesta encontramos informações relevantes sobre sua vida, sua obra e seu engajamento cultural, além de apresentar uma breve discussão sobre o cordel como elemento da cultura nordestina, com suas características e seus valores, a qual Vieira inclui fortemente em muitos momentos de suas obras. Como aporte teórico recorreremos às ideias de Ferreira (2014), de Teyssier (2003), de Amaral (1976) e de Maior (1981). A metodologia deu-se por meio de uma entrevista estruturada com perguntas previamente elaboradas, baseada nos encaminhamentos de Marconi e Lakatos (2007) e de Gil (2011). Como alguns resultados, apontamos que Vieira além de se inserir nos primórdios da cena do Cordel em Teresina-PI, faz parte do grupo de cordelistas brasileiros que mantém a tradição de abordar diferentes fatos do cotidiano ou fatos histórico-culturais em suas produções, como um norte para criar.

PALAVRAS-CHAVE: Guaipuan Vieira; Entrevista; Literatura de Cordel.

1 INTRODUÇÃO

A literatura de cordel apresenta-se no cenário cultural como tradição e como resistência do texto rimado e ritmado, mantendo viva uma prática popular que constitui parte da identidade nacional brasileira. Dessa forma, buscando compreender a configuração dessa manifestação popular no cenário da capital piauiense, Teresina, foi que realizamos uma entrevista com o cordelista Guaipuan Vieira.

A escolha de entrevistar Vieira se deu pela ocasião da nossa pesquisa de mestrado pela Universidade Federal do Tocantins – UFT, cujo tema principal versa sobre a leitura e a escrita de cordel no ensino fundamental. Escolhemos realizar a entrevista por se tratar de um procedimento eficiente na investigação social e na coleta de dados, para contribuir no diagnóstico ou no tratamento de um problema social. No nosso caso, o problema versava sobre o intuito de se conhecer a configuração do cordel em Teresina-PI. Por isso, realizamos entrevistas com alguns partícipes dessa configuração. Além disso, a entrevista é um importante instrumento de trabalho em vários campos das ciências sociais ou de outros

setores de atividades, como o da sociologia, antropologia, psicologia social, política, serviço social, jornalismo, relações públicas, pesquisa de mercado e outras. (MARCONI; LAKATOS, 2007).

Marconi e Lakatos (2007) nos apresentam três tipos de entrevistas: a) padronizada ou estruturada, cuja realização se dá por meio de formulário elaborado, efetuada de preferência com pessoas selecionadas. O entrevistador segue um roteiro estabelecido previamente, as perguntas feitas são predeterminadas; b) despadronizada ou não estruturada em que o entrevistado tem a liberdade para desenvolver as situações em qualquer direção que considere adequada. Esse modelo permite que sejam amplamente exploradas diversas questões, por meio de perguntas abertas, que podem ser respondidas dentro de uma conversação informal; c) painel, que consiste na repetição de perguntas de tempo em tempo às mesmas pessoas, a fim de estudar a evolução das opiniões em períodos curtos. As perguntas são formuladas de maneira diversa, para que o entrevistado não distorça as repostas com repetições.

Para a investigação que nos propomos realizar, escolhemos a entrevista estruturada, a qual se desenvolve a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanecem invariáveis para todos os entrevistados que, geralmente, são em grande número. Por possibilitar o tratamento qualitativo dos dados e também quantitativo desses, este tipo de entrevista torna-se o mais adequado para o desenvolvimento de levantamentos sociais. Gil (2011) ressalta que a técnica da entrevista, se comparada com a do questionário, que também é bastante utilizada nas ciências sociais, oferece maior flexibilidade, uma vez que o entrevistador pode elucidar o significado das perguntas, amplificar dados e esmiuçar pontos que sejam relevantes para determinadas conclusões nas pesquisas, além de adaptar-se mais facilmente às pessoas e às circunstâncias em que se desenvolve a entrevista. No nosso caso, a entrevista foi realizada via e-mail, sendo esse meio de comunicação o mais adequado já que as entrevistadoras e o entrevistado se encontravam em territórios estaduais diferentes.

Tratando-se das limitações da técnica, Gil (2011) destaca as principais: a falta de motivação do entrevistado para responder as perguntas que lhe são feitas; a inadequada compreensão do significado das perguntas; o fornecimento de respostas falsas, determinadas por razões conscientes ou inconscientes; inabilidade, ou mesmo incapacidade para responder adequadamente, em decorrência de insuficiência vocabular ou de problemas psicológicos; a influência exercida pelo aspecto pessoal do entrevistador sobre opiniões pessoais do entrevistado. Ressaltamos que o nosso entrevistado se mostrou motivado para responder as perguntas, demonstrando ter compreendido perfeitamente o que lhe fora proposto e acreditamos na veracidade das respostas coletadas.

Destacamos que realizamos a entrevista com Vieira, via e-mail, no dia 03 de maio de 2020. A partir dessa data, foi possível obter informações importantes a respeito do autor, de sua vida e da sua produção cordeliana, mesmo diante das dificuldades impostas pela pandemia – COVID-19, os meios digitais proporcionaram essa interação.

2 ENTREVISTA COM GUAIPUAN VIEIRA

Guaipuan Vieira, que nasceu em Teresina-Piauí em 11 de setembro de 1951, é poeta cordelista, xilógrafo e radialista. Filho do poeta folclorista Hermes Vieira e de Maria José Sousa Rodrigues. Aos dezesseis anos já improvisava versos e desde 1976 dedica-se à literatura de cordel. Tem graduação em Teologia, pelo Instituto de Ciências Religiosas (ICRE) e graduação em História na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Autor de vários folhetos de cordel, alguns premiados e com destaque na imprensa nacional e internacional. Recebeu a medalha Leandro Gomes de Barros, outorgada pela Academia Brasileira de Literatura de Cordel. É autor de canções gravadas pelos repentistas Antonio Jocélio, Zé Vicente entre outros.



Figura 1 - Guaipuan Vieira (fotografia do Facebook)

Vieira fundou, em 1987, o Centro Cultural dos Cordelistas do Nordeste (CECORDEL). É membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), ocupando a cadeira 19. Fundador da Academia Municipalista de Letras do Estado do Ceará, hoje Metropolitana de Letras de Fortaleza (AMLEF). É autor do livro “Canta Cordel” (CECORDEL, 2001). É correspondendo e colaborador na Revista “De Repente” (criada em 04 de dezembro de 1994, com o intuito de revitalização, preservação e divulgação da literatura de cordel, nela encontra-se entrevistas com repentistas, artistas e pesquisadores da literatura popular). Hoje, o cordelista reside em Fortaleza (CE) e até o presente momento o poeta-cordelista segue produzindo seus cordéis.

* * * * *

Guaipuan Vieira, você poderia nos contar da época em que viveu em Teresina-PI?

GV – A minha infância foi vivenciada com poetas e intelectuais que visitavam meu pai, poeta Hermes Vieira. Eu o acompanhava às feiras públicas. Admirava os repentistas com seus improvisos. Achava bonito, queria ser um repentista. Naquele tempo, esse gênero literário sofria restrições pela elite intelectual. Por isto, esqueci a ideia. Em 1964, aos 13 anos, acompanhava meu pai até a sede do Departamento Nacional de Endemias Rurais (NERu), onde ele trabalhava. Ficava na Avenida Frei Serafim, hoje, se não me engano, funciona o Colégio Objetivo. Seguimos na Avenida Antonino Freire, logo nos aproximamos do Palácio de Karnak, sede do Governo do Estado, estava sob guarnição do exército. À frente, avistamos a Igreja de São Benedito. No alto da torre, um canhão apontava para a Praça

Pedro Segundo. Meu pai retrucou: “A coisa vai longe!”. Eu, calado, observava a igreja fechada e o canhão ocupando o lugar dos sinos. Somente a cruz permanecia solitária, como em protesto àquele ato anticristão. Depois deste passeio histórico, em casa, escrevi duas quadras simples, que ficaram guardados em caderno:

A IGREJA E O CANHÃO

A igreja está sem padre,
Sem fiel e sacristão;
O exército tomou conta
Instalou sua guarnição.

O exército está na rua,
O povo ficou calado;
Só escreve pensamento
Pra depois ser publicado.

Aos 16, influenciado por um vaqueiro que passava à frente de nossa propriedade, conduzindo gado e aboiando, passei a improvisar pequenos aboios. Advertido por mamãe, para me dedicar aos estudos, parei. Aos 17 anos, já no exército, 2º Batalhão de Engenharia e Construção, servindo em Santa Inês (MA), naquele estado, passei a escrever versos soltos, sonetos e poematos. Em 1972, ao retornar a Teresina, passei a colaborar nos jornais O Piauí e o Liberal e Correio do Povo. Alguns sonetos e poemas foram publicados.

Guaipuan Vieira, como foi que se tornou cordelista?

GV – Em 1974, houve um fato inusitado, ao encontrar-me com o repentista Josafá e presentear-lhe com um jornal contendo um poema meu. Ele, ao término da leitura, desafiou-me a escrever um verso de feira, hoje denominado de cordel. Aceitei o desafio. Logo me veio à mente o título de ATENDENDO A UM DESAFIO. Considero este poema a minha primeira produção no gênero cordel. Na realidade, Josafá desejava que eu ingressasse no mágico mundo da cantoria de repente. Naquele tempo, esse gênero poético sofria restrições, não era aceito como poesia pela intelectualidade, era coisa de analfabeto. Em 1976, publicava Caderno Folclórico Piauiense, ensaio, com apoio da Secretaria da Cultura do Piauí. Em 1982, publiquei, por conta própria, Meus Pensamentos Teus, caderno de versos soltos. Eis o poema Atendendo a um desafio:

Escrevi trova e soneto
Também poema matuto,
Verso sem rima escrevi
Provando ser bem astuto;

Agora o verso de feira
Escrevo porque desfruto.
Minha rima tem herança

De meu pai, Hermes Vieira
A dele vem de vovô
É esta a minha carreira,
Não sei se terei um filho
Empunhando esta bandeira.

Talvez não, lá no futuro,
O folheto tem morrido,
Já tem pouca produção
Começa a ser esquecido
Pelo povo do sertão
Que fez ser bem acolhido.

Outra questão prejudica
De ele ganhar completude
É que a elite cultural
Sempre fala que ele é rude
E possui má qualidade
Quem produz se desilude.

Porém abraço este estilo
Por causa de um desafio
De um repentista de feira
Que me disse: hei meu fio!
Só escreve isto quem sabe
E faço porque aprecio.

Eu não tiro seu direito
Ele é mestre do repente
Ganha o pão cantando verso
Tendo o povo à sua frente
E atende qualquer pedido
Faz bom verso diferente.

Mas eu vou mostrar pra ele
A minha modalidade
Através do verso escrito
Pra seguir posteridade
Pode um dia ele ser lido
Até aceito de verdade.

Menos este, certamente,
Por não ser para livreto
Mas a peça de uma prova
Que rever o meu conceito
Mostra-me que sou poeta
Possuo rima sem defeito.

Quem nasce pra ser poeta
Recebe o dom consagrado,
Escreve qualquer estilo
O verso mora ao seu lado
Pode não ganhar dinheiro
Mas deixa o nome lembrado.

Encerro aqui minha prosa
Neste meu verso de feira,
E agradeço o repentista
Pela mais sábia maneira
De me incentivar na arte
Cantar pra seguir carreira.

Ao poeta Josafá
Esse amigo qu'eu sou fã,
Não gostando destes versos
Outro eu escrevo amanhã,
A fonte é nova e não seca,
Abraços do Guaipuan.

Guaipuan Vieira, muitos de seus cordéis têm raízes em fatos sociais, históricos, políticos (nacionais e internacionais) e bíblicos, dentre eles, destacamos os temas do *impeachment* de Dilma Rousseff, o da construção de uma representação (imagem) de Lampião e o do apocalipse. O que levou você a escolher essas temáticas?

GV – Apenas procurei manter o estilo próprio dessa literatura. Descrever fatos do cotidiano.

Você tem hoje uma trajetória consolidada como cordelista, é um grande escritor da nossa literatura popular e, desde 1988, estreou na “Ceará Rádio Clube”, com um programa sertanejo, destacando a poesia popular. Como chegou até esse espaço que ocupa hoje?

GV – Cedo me tornei aficionado pelo rádio. Queria fazer um programa popular. Conversar com o ouvinte, dar oportunidade ao artista da terra, (violeiros, cordelistas, sanfoneiros, etc.) Em 1980, eu recebi convite de um amigo e poeta que tinha um programa na rádio Iracema de Fortaleza, para lhe substituir, por ter que se afastar devido ao pleito eleitoral. Assim se deu. Trabalhei três meses. Após esse importante

teste, fui para Ceará Rádio Clube (três anos). Em 1990, inaugurava, em Maracanaú, região metropolitana de Fortaleza, a Rádio Pitaguary AM. Passei a compor sua equipe de locutores, continuando nessa importante emissora.

Você acha que seus diferentes personagens retratam a cultura do povo brasileiro? Gostaríamos que nos contasse o que você pensa da cultura do povo brasileiro.

GV – Eu diria que meus cordéis traduzem o imaginário do povo nordestino. Heróis que migraram para todos os estados desta federação em busca de melhora de vida. Portanto, descrevo o sentimento dessa gente. No aspecto de cultura brasileira, embora tenha sofrido miscigenação de demais culturas, no Brasil, ela ganhou nova disposição. Vemos isto com a chegada do cordel no Nordeste, chegou em folha solta, e seu tornou livreto de cordel com diversas páginas (8, 12, 16, 32, 48, etc.). É essa cultura vasta e rica, que traduz de maneira jocosa as manifestações e sentimentos de sua gente.

Que estratégias você acredita que contribuem para a disseminação do cordel no Brasil?

GV – O cordel se mantém por ser possuidor de linguagem própria. Ele traduz o sentimento do povo.

O cordel é uma produção literária mais característica do Nordeste. Como você vê a expansão desse gênero para todas as regiões brasileiras?

GV – O cordel, por ser expressão viva no Nordeste brasileiro, e fonte de pesquisa, contribui para essa expansão em todo continente. Isto significa que os novos poetas cordelistas também buscam manter sua originalidade (oração, métrica e poesia).

Para você, qual seria o papel da literatura de cordel para a difusão da cultura brasileira?

GV – Resgatar e valorizar seu espaço cultural, utilizando os artifícios da contemporaneidade para promover o conhecimento para geração futura.

Num mundo cada vez mais de acesso tecnológico, como você vê o cordel ou a produção de folhetos?

GV – O cordel é uma literatura que surpreende a evolução tecnológica. Ele se adapta às redes sociais, mas continua sendo impresso. Vendido na Feira do Livro, nas Bienais e feiras públicas. Seu jeito próprio e jocoso dá brilho à narração do fato, conquistando mundos, despertando novas gerações de poetas populares.

Sabemos que você fez um cordel recentemente sobre o coronavírus (COVID – 19), o que motivou a escrita/produção deste cordel?

GV – Eu vinha observando o comportamento de gerações. Tinha em mente a ideia de escrever um cordel apocalíptico. Esperei a resposta do tempo. Infelizmente, surgiu o Covid-19, assombrado o mundo e enlutando famílias. O emocional falou mais forte, proporcionando a construção desses versos.

Por fim, gostaríamos de saber se tem novos projetos em andamento e/ou vindouros?

GV – Sim, se Deus me permitir, desejo ver meus livros inéditos publicados, para tanto, estou burilando “Caminhos do Repente”, “Personalidades histórias do Ceará, cantadas em cordel”, e “Poesias de um matuto da cidade grande”. Também os Cordéis: “A História de Zé da Mata e o trem Maria Fumaça” e “A história da donzela do Mearim engolida por uma sucuri”. Todos com base em fato.

Publicação da entrevista e uso de imagem autorizados pelo entrevistado.

3 DISCUSSÃO

Sobre a literatura de cordel, faz-se importante destacar o que assevera Jerusa Pires Ferreira (2014) sobre as adaptações dos relatos orais ao longo dos séculos, acompanhados de uma evolução social e adaptando-se às diferentes realidades e interações humanas. Vejamos o que comenta Ferreira (2014):

Vamos percorrendo alguns livrinhos da nossa literatura de folhetos conhecida como literatura de cordel, e que nos trazem, em verso, belas histórias de encantamento, de princesas e príncipes, de incríveis heroísmos pedindo relatos, questionando nossas concepções de tempo e espaço. Estes folhetos nos conduzem também ao conto oral, expressão – a mais antiga que se possa imaginar – que reúne temas, situações, ajustando pontos distantes da realidade [...]. Poderíamos até dizer que permanece viva na memória dos povos, multiplicando-se em vários espaços/tempos, recriando-se e fazendo-se alimentar de muitos detalhes e de concretas adaptações (FERREIRA, 2014, p. 71).

Nessa perspectiva, a literatura de cordel vem cumprindo o seu papel de mensageira de modos culturais e artísticos, principalmente, nas terras do sertão brasileiro, seja na modalidade escrita dos livretos, seja nas suas variadas formas orais, que vai se desdobrando de geração em geração nas tramas da cultura. Acerca disso, ainda elucidada Ferreira (2014):

Este universo em que se firma a literatura oral/impressa é construído numa esfera de aproximação dos sentidos, em várias formas de expressão: ver, ouvir, dizer, gesticular, da voz, dos gestos e da figura. O folheto, a xilogravura, o conto oral e outros “gêneros” situam-se nesta configuração profunda de um universo em que tudo se vai reunindo e completando, sem hiatos ou tréguas, e que não comporta as datações convencionais como princípio, pois remetem a um

tempo que nos permite acompanhar concretamente quando tudo começa (FERREIRA, 2014, p. 15).

Nessa esfera, depreende-se que a literatura de cordel “impressa” se apresenta como um entrelaçamento com diferentes aspectos das produções orais e ainda articula outras peculiaridades do cordel, inclusive nas criações da xilogravura, além da escuta e da gesticulação que se constituem importantes elementos da *performance* mantendo uma estreita relação entre o oral e o escrito.

Também vale registrar o conceito de literatura de cordel elaborado por Paul Teyssier (2003). Segundo o autor:

No Brasil, chama-se comumente *literatura de cordel* à literatura popular em verso cujo suporte material é constituído pelos *folhetos*, isto é, livrinhos de oito, dezesseis, vinte e quatro ou trinta e duas páginas, de papel ordinário, com uma capa também de papel, descorada, às vezes enfeitada com uma xilogravura. O formato é de 11 X 16 centímetros. Essas brochuras eram oferecidas antigamente pelos vendedores (geralmente ambulantes) pendurados em barbantes – cordéis – esticados na horizontal. É uma tradição de origem ibérica que ressurgiu no Nordeste do Brasil em fins do século IX e que permanece viva ainda hoje. Essa produção floresceu particularmente de 1930 a 1960 (TEYSSIER, 2003, p. 37, grifos do autor).

Diante do que explicita Teyssier (2003), a literatura de cordel se apresenta dentro de uma construção formal e tem suas origens ibéricas, florescendo fortemente no Brasil, como uma literatura popular constituída, principalmente, em folhetos. Além disso, sabemos que o texto escrito permaneceu fiel ao seu caráter primitivo de poesia oral, concebido como tal pelos seus autores (cantadores ou trovadores), de forma que a métrica e as rimas são sempre mais apropriadas ao ouvido do que ao olhar, e obedientes à prosódia particular do falar regional.

Ainda no aspecto da identidade cultural do povo nordestino salientamos que as produções cordelianas retratam as desigualdades sociais, servindo também como fonte de protesto, de resistência, de informação e de lazer. Além disso, quando o cordel é visto pelo seu caráter informativo, nos servimos de Amadeu Amaral (1976) que faz a seguinte afirmação:

[...] a literatura popular escrita é consumida pelo povo que não sabe ler direito, mas que tem carência de comunicação e sente necessidade de se manter informado do que está acontecendo não somente no seu mundo municipal ou nacional ou internacional (AMARAL, 1976, p. 12).

Dessa maneira, a literatura de cordel está intimamente ligada à formação de uma educação informal, voltada a uma alfabetização do mesmo modo informal. A literatura de cordel ao longo de toda a sua existência sempre possibilitou àqueles menos favorecidos um lugar de conhecimento e de saber, e, ao mesmo tempo, de prazer.

Nesse mesmo sentido, Mário Souto Maior (1981) ressalta a relação da leitura de cordéis enquanto prazer e lazer:

Lidos à luz dos fífós fumacentos nos alpendres das fazendas, nas bodegas ou nas casas onde alguém está feqüentando a escola rural, mais próxima, após um longo dia de trabalho, os folhetos desde que surgiram na região constituíam também o lazer dos que viviam divorciados do progresso e da tecnologia (MAIOR, 1981, p. 89).

Desse modo, o cordel pode ser considerado um meio de “lazer” e de resistência da cultura popular. Também diante das respostas de Vieira constatamos que o cordelista se constitui uma figura de grande importância na construção da cena do cordel em Teresina-PI, além de ser um dos autores representantes da produção cordeliana do país que luta pela preservação da cultura popular.

As diferentes referências culturais de Vieira apareceram logo na infância, de modo especial, quando o pai era visitado por poetas e intelectuais. Dessa forma, o cordelista desfrutou de uma infância com grandes influências culturais e aos treze anos escreveu suas primeiras quadras. Daí para frente foi se envolvendo cada vez mais com a escrita de cordéis, com a cultura popular. Depois, surgiram as publicações, a exemplo do ensaio “Caderno Folclórico Paiuiense”, publicado em 1976, com apoio da Secretaria da cultura do Piauí.

Vieira segue na esteira da criação literária que implica à tradição do cordel, escrevendo, principalmente, sobre os fatos do cotidiano, por acreditar que o cordel, por ter uma linguagem própria, traduz os sentimentos do povo. O cordel, segundo o próprio Vieira tem ainda o papel de: “resgatar e de valorizar seu espaço cultural, utilizando os artifícios da contemporaneidade para promover o conhecimento para geração futura”.

Imerso também no mundo tecnológico em que vivemos, o cordelista acredita ser o cordel: “uma literatura que surpreende a evolução tecnológica”, uma vez que: “se adapta às redes sociais, mas continua sendo impresso”. Vendido nas Feiras de Livros, nas Bienais de Livros e nas Feiras Públicas, o cordel: “tem seu jeito próprio e jocoso que dá brilho à narração do fato” ou ainda se destaca nos seus contextos histórico-culturais. Assim, a literatura de cordel segue: “conquistando mundos, despertando as novas gerações de poetas populares”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que, apesar de se tratar de uma produção popular e antiga, o cordel permanece muito “vivo” cumprindo o seu papel literário e social e, ainda, estimulando novas produções, como é o caso dos livros inéditos de cordéis que Vieira afirma querer publicar, conforme informou na entrevista.

A partir do que nos apresentou Vieira sobre sua biografia e sua trajetória pelo universo do cordel, consideramos relevante a divulgação desta entrevista, uma vez que há muitos dados que articulam seu modo de ver o mundo e que revelam sua estética da criação.

Assim, a entrevista apresentada corrobora com a pertinência do gênero cordel para a vida e abre pontes de incentivos para novas pesquisas e/ou entrevistas com os(as) cordelistas brasileiros(as) que tanto têm contribuído para o enriquecimento cultural do nosso país.

5 REFERÊNCIAS

AMARAL, Amadeu. *Tradições Populares*. São Paulo, HUCITEC, 1976.

CECORDEL. Centro Cultural dos Cordelistas do Nordeste. Disponível em: <http://www.cecordel.com.br/biografia.html>. Acesso em: 15 dez. 2020.

FERREIRA, Jerusa Pires. *Matrizes impressos do oral: conto russo no sertão*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014.

FUNCOR. *Fundação Nordestina do Cordel*. Disponível em: <http://funcorpiaui.blogspot.com/>. Acesso em: 15 dez. 2020.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MAIOR, Mário Souto. *Painel Folclórico do Nordeste*. Recife: UFPE; Editora Universitária, 1981.

MARCONI, Marina de Andrade.; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2007.

TEYSSIER, Paul. *Dicionário de literatura brasileira*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Title

The popular tradition of the Cordel literature: interview with Guaipuan Vieira.

Abstract

This text presents an interview with the *cordelista* Guaipuan Vieira, performed via email on May 3rd, 2020. Vieira, who is *cordel* poet, woodcut maker and radio host, was born in Teresina-Piauí and since 1976 dedicates to the *cordel* literature. This author has published hundreds of *cordel* leaflets, also counting on several awards and highlights in the national and international press. This interview aims to highlight important point of the *cordel* productions of Vieira, and brings relevant information about his life, his work and his cultural engagement, besides presenting a brief discussion on the *cordel* as element of the northeastern culture, with its features and its values, the ones that Vieira strongly includes in several of his works. In theoretical aspect, it resorts to the ideas of Ferreira (2014), of Teyssier (2003), of Amaral (1976) and of Maior (1981). The methodology was by means of a structured interview with questions previously prepared, based on the guides of Marconi and Lakatos (2007) and of Gil (2011). As some results, it points out that Vieira, beyond of inserting himself in the beginnings of *Cordel's* scene in Teresina-PI, he makes part of the Brazilian *cordelistas'* group which keeps the tradition of approaching either different facts of everyday life or historical-cultural facts on their productions, as a guidance for the creating process.

Keywords

Guaipuan Vieira; Interview; *Cordel* Literature.

Recebido em: 04/05/2020.

Accito em: 04/11/2020.